

Nomeação: sobre a eficácia

Cecilia Domijan, ECLAP

Com relação à eficácia na clínica, acredito que não existe uma eficácia única. Os diferentes momentos do ensinamento de Lacan colocaram em movimento diferentes modos de eficácia.

Aqui, gostaria de fazer alguns esclarecimentos a respeito do que Lacan chama de "nomeação" na época do seminário *RSI* (1974-75). Como todos sabemos, refere-se àquele grande termo, aquele acme da clínica que Freud chamou de *Urverdrängung*, a repressão primeva/recalque original, topologizada pelo nó borromeano.

A ação significativa que promove esta nomeação, este poder do significante de fazer um buraco, pode ser especificada como aquela que na clínica dá lugar a outra coisa. É aquilo que, numa análise, dá lugar a continuar a falar de outra maneira? Que efeitos resultam do salto através da *Urverdrängung*? Que eficácia?

Passar para outra coisa, não mais se referindo à Outra cena, mas a algo novo, mais próximo de um gozo *hetero* do que de um gozo do Outro. Na verdade, estou-me referindo a uma traça da palavra, *Das Wort*, quando abandona um certo investimento identitário, quando se desprende do seu gozo fixo e diz algo mais. Uma jovem diz sobre o seu novo amor, chorando e rindo ao mesmo tempo: "Qual é a diferença entre ser namorados e não sê-lo, nós só agora começamos e já estamos nos chamando de amor!"

"Dizemos que nos amamos sem ser namorados". Algo aconteceu, uma certa *décalage*, o tempo estabelecido para dizer a própria coisa escorregou, o inesperado aconteceu. É que a *Urverdrängung* usou a linguagem para dizer outra coisa, ou a nomeação não segue esta linha?

Paul Celan, poeta romeno de língua alemã, exilado e perseguido pelos nazistas, atravessado por uma relação opaca com Heidegger, chamou a linguagem como a "grelha

de Linguagem"¹ e essa luva, jogada no mundo, é, na minha opinião, a que Freud pega quando coloca a repressão primeva.

A incorporação do campo da linguagem como primeira identificação nos deixa presos por aquela cerca da qual é impossível prescindir. No entanto, a nomeação toca aquele muro, toca aquele limite intransponível, coloca o sujeito cara a cara com o real e abre a possibilidade de dizer outra coisa.

Na sessão de 15 de abril de 1975, em relação ao buraco, Lacan afirma: "... um buraco —se você acredita nos meus esquemas— um buraco rodopiante —isso devora— então há momentos em que isso cospe para fora... Ele cospe o quê? O Nome, é o Pai como Nome"².

O analista, pelo viés do ato, encaminha as afirmações do analista ao seu dizer. A ação do nó, ou seja, aquele ponto inimaginável onde opera a nomeação, está enraizada na palavra, *das Wort*. O analista extrai a palavra do giro rodopiante. Desta forma, pode acontecer que os nomes sejam cuspidos. Mas este nome não pertence nem a um objeto, nem a um sujeito, mas mantém o caráter *poiético* da palavra. Isso faz um buraco.

Carolina Fábregas, analista, comenta sobre uma analisante que diz: "Eu espiava-o pela porta e sentia uma imensa ansiedade". A analista pensa "ela é uma histérica", e de repente, no curso do avatar da palavra, ela surpreende-se na sua murmuração e diz para si mesma: "Não, isso é sério, isso é outra coisa!".

A nomeação choca o analista, engole-o e depois a cospe como um objeto *a*. A *Urverdrängung*, aquilo que se move, aquilo que gira, põe em xeque a ex-sistência do analista.

O objeto *a* anima o turbilhão, torna a tranquilidade da transferência do amor em insurgência. Arrogante na sua passagem, ele nomeia o tempo onde o significado termina, onde as respostas não são suficientes. Na turbulência do buraco, não se sabe o que fazer. Nem o analista, nem o analisante. Momento de afogamento da transferência. O

¹ Celan, P. (2006) "Grelha de Linguagem" em *Sete rosas mais tarde: Antologia poética*. Lisboa: Edições Cotovia, 2006.

² Lacan, J. (n/d) *RSI, Séminaire 1974-75*, Staferla.inédito, tradução própria.

traumatismo da linguagem que se tornou nomeação toca o estatuto da grelha da linguagem: não há relação sexual. O sujeito procura apegar-se a qualquer coisa que o leve a algum significado.

Belena Tauyaron, uma analista da minha associação, relata uma dessas pequenas pérolas clínicas. Uma jovem mulher atormentada por seus pensamentos não consegue distinguir entre os limites do pesadelo e da realidade. Ela diz: "Eu não o posso evitar, é um pesadelo, mas estou acordada". Durante a transferência, esse caminho percorrido por catástrofes microfísicas, a analisante comenta que ela pergunta a sua mãe qual é a graduação alcoólica da vodca. Imitando a voz da sua mãe, a analisante diz: "Não sei, mas é álcool". Por alguma razão desconhecida, a analista começa a rir e a analisante começa a sorrir.

Há um movimento desde o arrasamento do sujeito para alguma outra coisa. A trama é quebrada sem saber do que se trata. O riso ocorre, nomeando os momentos de corte. Imprevisíveis. Eles não se referem a nada, não podem ser decifrados, não seguem nenhuma cadeia associativa e, por seu surpreendente surgimento, desfocam uma certa diferença ontológica entre quem "é" o analista quem "é" o analisante. Talvez, quando o turbilhão cospe, quando a iminência da sua força centrífuga entra em jogo, quando a nomeação entra em ação: Quem é o analista? Quem é o analisante?

Às vezes, na divã, o analista e o analisante, seus estatutos supostamente diferenciais desaparecem num riso compartilhado, e com uma partida para outra coisa.